



O método de observação de lactentes de Bick: um caminho rumo ao pensar psicanalítico e sua aproximação da comunidade. Experiência de Seminário de Discussão de Trabalho (*Work Discussion*) com professoras de um jardim maternal*

Mónica Cardenal**, Buenos Aires

A experiência que pretendo comunicar é a que realizei ao longo destes anos como coordenadora do seminário de discussão de trabalho (Work Discussion) em dois hospitais do Município de Buenos Aires. Ali organizamos, através da Fundação Kamala, criada em homenagem a nossa mestra Kamala Di Tella, o curso completo de observação de lactentes, modelo Tavistock, experiência que me colocou diante da riqueza de uma variada gama de emoções através do material aportado generosamente por diferentes profissionais que, na sua maioria, trabalham em diferentes áreas desses hospitais. O objetivo de um seminário como o de discussão de trabalho, criado por Martha Harris (Klauber 1999), discípula e sucessora de Mrs. Bick, é levar o pensamento psicanalítico às relações interpessoais desdobradas em diferentes cenários assistenciais (escolas, serviços de pediatria, de neonatologia, instituições para crianças

* Psychoanalytic Thinking in the Community through Bick's Observational Method: A Work Discussion Seminar Experience with care workers in a Nursery" by Mónica Cardenal Infant Observation Vol. 14:3 pp 245-255 (2011), copyright © Tavistock Clinic Foundation, reprinted by permission of (Taylor & Francis Ltd), www.tanfonline.com on behalf of the Tavistock Clinic Foundation.

** Analista didata membro da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA).



de rua, etc.). Ou seja, propiciar oportunidades para que o profissional possa detectar o clima emocional suscitado ali e tentar descobrir os fatores inconscientes envolvidos na sua própria tarefa, além de conhecer as implicações dos mesmos no trabalho em realização. O método de Mrs. Bick facilita esse caminho da psicanálise para a sociedade, beneficiando a compreensão e o crescimento das crianças.

Descritores: Psicanálise. Observação de lactentes. Educadores. Prevenção na primeira infância.

Introdução

Um bebê de poucos dias ou poucos meses de vida, separado de sua mãe, passando muitas horas diárias num jardim maternal, é capaz de gerar a mais variada e intensa gama de emoções naqueles profissionais encarregados de seu cuidado. Isto ocorre em consequência dos processos que a mente do bebê coloca em atividade muito precocemente com a finalidade, em princípio, de aliviar-se e proteger-se de aspectos que sente perigosos e destrutivos para si próprio e também como modo de relacionar-se com os objetos externos.

Dentro destes processos, a identificação projetiva descrita por Klein (1946) é o protótipo de relação objetal e o mecanismo mental através do qual o bebê nos comunica suas emoções, conforme acrescenta Bion.

Acredito que concordamos que âmbitos como o educacional estão representados por pessoas, na sua maioria, de grande sensibilidade, especialmente aquelas que trabalham com bebês ou crianças pequenas. Mas, por sua própria formação, essas pessoas tiveram pouco ou nenhum contato com o entendimento psicanalítico dos intensos processos emocionais sofridos pelo bebê e a consequente influência destes sobre as relações interpessoais. Entretanto, pesa sobre seus ombros a enorme responsabilidade de um vínculo diário e sustentado de cuidado desses bebês em etapas decisivas de seu crescimento, assim como o relacionamento com seus pais. Esta condição torna estes profissionais agentes fundamentais de saúde e instrumentos veiculadores de prevenção.

A experiência que pretendo comunicar é a que vivenciei ao longo destes últimos quinze anos coordenando o seminário de discussão de trabalho (*Work Discussion*) dentro de um hospital de pediatria, onde organizamos o curso completo de observação de lactentes (acredito que influenciadas por uma visão plenamente preventiva e comunitária sobre o método de observação que nos foi transmitido



por Kamala Di Tella). Essa experiência apresentou-me a riqueza de uma variada gama de emoções através do material trazido generosamente por diferentes profissionais que, na sua maioria, trabalham em diferentes áreas desse hospital. O objetivo de um seminário como o de discussão de trabalho, criado por Martha Harris (Klauber 1999), discípula e sucessora de Mrs. Bick, é aplicar o pensamento psicanalítico às reações pessoais desdobradas em diferentes cenários assistenciais e poder detectar o clima emocional suscitado ali, tentando dar um sentido que ajude o profissional a compreender as implicações de sua própria tarefa. A partir desta experiência ficou evidente para mim como o método criado por Mrs. Bick (1948) de observação de lactentes facilita o contato com os processos mentais mais primitivos próprios de um bebê e, poderíamos dizer, da natureza humana em geral e, conseqüentemente, com a compreensão profunda que a psicanálise propõe sobre esses processos. É na dinâmica de um seminário de discussão de trabalho que a observação se transforma em ponto chave no que se refere à sua contribuição para a fase preventiva (prevenção primária) da saúde mental, especialmente quando se trata de sua aplicação à assistência de bebês sadios como no caso do jardim maternal, já que tem um importante alcance em direção a âmbitos vinculados com a pediatria, com o social, com o educacional, com o comunitário no sentido mais amplo. É num seminário como o que descrevemos que o conceito de *aprender da experiência* parece adquirir uma clara significação, ou seja, aprender a partir da observação das experiências emocionais comprometidas com a própria tarefa, como propõe o modelo de compreensão psicanalítico de Bion e que contrasta com outras formas de pensar a aprendizagem (mais relacionadas com o mero acúmulo de informações sobre os difíceis e complexos conceitos psicanalíticos). Poderíamos concluir que, desta maneira, a psicanálise também vai à comunidade.

História e características particulares do seminário de discussão de trabalho

Estender o alcance dos benefícios que o pensar psicanalítico proporciona à compreensão do mundo do intrapsíquico, voltado para o interpessoal, “para além das paredes de nossos consultórios”, levou Martha Harris, na minha opinião, de forma muito criteriosa e lucidamente preventiva, na década de 70 (Klauber 1999), a articular e aplicar a observação de lactentes à área assistencial e educacional, ajudando diferentes profissionais sem ligação com a psicanálise a compreenderem os processos inconscientes envolvidos em toda tarefa realizada com crianças pequenas, adolescentes e famílias. O objetivo final é o de melhorar as estratégias



de intervenção, tanto preventivas como assistenciais. Motivada por isto, ela implementou, na Clínica Tavistock, um seminário que em principio chamou de Estudo de Trabalho (*Work Study*) (Klauber 1999) e, mais adiante, de Discussão de Trabalho (*Work Discussion*), cujo objetivo fundamental é a realização de uma observação detalhada da tarefa realizada pelo profissional, para, depois, no grupo do seminário, pensar sobre o que ocorre entre este profissional e a pessoa com quem esteve desenvolvendo essa tarefa (seja ela uma professora com seu aluno, uma assistente social com uma mãe adolescente grávida), assim como tudo o que ocorreu no cenário de trabalho, com a particularidade de o observador ser, ao mesmo tempo, um participante ativo. Portanto, a variante neste tipo de observação é que a narração deverá ser feita na primeira pessoa.

O método de Mrs. Bick, na aplicação pensada e instrumentada por Martha Harris, ajuda o profissional a captar e a apreciar os fatores emocionais da inter-relação com o outro e a ampliar a sua compreensão sobre seu próprio estado mental e o da pessoa a quem se está tentando ajudar.

Definição do contexto de trabalho que será exposto: o lactário do jardim maternal

Nesta minha exposição e com base num material de observação, tentarei transmitir o intenso nível emocional envolvido numa área de jardim maternal, ou seja, das professoras que cuidam de bebês pequenos, e o possível e, em minha opinião, muito efetivo, trabalho de compreensão psicanalítica dessas emoções, que pode ser realizado no contexto do seminário de discussão de trabalho. No seminário sugere-se que o profissional descreva, no seu relato escrito, a resposta do bebê a cada intervenção ou contato com ele; pede-se também que suas próprias intervenções, através de ações ou palavras, sejam especialmente detalhadas. A observação deve ser relatada da maneira proposta por Mrs. Bick, ou seja, de forma próxima, detalhada, podendo reconstruir as sequências e, se possível, com certa continuidade no tempo. Especificamente, o material que exponho foi apresentado dentro do contexto do seminário de discussão de trabalho por professoras do lactário do jardim maternal de um hospital de pediatria. O lactário é a área que acolhe bebês que têm entre quarenta e cinco dias e um ano de idade. Entre algumas de suas características, esta área oferece a possibilidade às mães de continuarem amamentando seus bebês (se ainda o estavam fazendo), o que dá ao bebê a alternativa de permanecer durante alguns momentos, não muito longos, em contato com suas mães durante sua permanência no jardim. É importante informar que a



maioria dos bebês é desmamada quando entra no lactário devido às dificuldades enfrentadas pelas mães para se afastarem de seu trabalho ao amamentar. Este jardim maternal, que depende da prefeitura da cidade de Buenos Aires, abriga, durante o dia, bebês e crianças de até cinco anos de idade, cujos pais trabalham, na maioria dos casos, no hospital ou em outras dependências públicas. Os pais podem ser, portanto, profissionais do hospital, funcionários administrativos, ou docentes. O horário de permanência dos bebês e crianças pode estender-se das seis às vinte e uma horas. Logicamente, essa é a alternativa mais ampla, o que não significa que todas as crianças ali permaneçam durante todo esse tempo. Observamos que a maioria passa muito tempo no jardim, algumas entre seis e oito, outras até doze horas diárias (quanto para um bebê e até para uma criança pequena!), dependendo dos horários de trabalho de seus pais. Certamente, há também aquelas que permanecem no jardim durante quinze horas ininterruptas. Na sala do lactário há quatro professoras no turno da manhã, uma num horário intermediário entre a manhã e a tarde e duas no da tarde. Cada professora “pode” ter a seu encargo até cinco bebês. Difícil tarefa para o bebê e para as professoras, poderíamos acrescentar. Que acontecerá na mente de um bebê nessas condições? Como conectar-se com as experiências emocionais que sofre um bebê separado de sua mãe para chegar a compreendê-las? Como deixar lugar para o crescimento do bebê como ser pensante e criador num espaço como o jardim maternal? E, finalmente, nos termos de Bion, como ajudá-lo a transformar-se num ser capaz de pensar genuinamente sobre suas próprias experiências? Bion entendia que esta função cabia tanto ao psicanalista quanto aos pais e também aos educadores. Isto faz parte da nossa responsabilidade e este é o compromisso ético que a tarefa de prevenção acarreta: esses bebês serão os adultos e também os pais de amanhã.

Se a psicanálise está chamada a fazer uma contribuição significativa para a evolução da nossa cultura, deve ser na área da prevenção e isto implica, certamente, algumas alterações radicais dos nossos métodos de criação dos filhos e dos princípios pedagógicos (Meltzer, 1990)¹.

O método de Mrs. Bick facilita esse caminho da psicanálise para a sociedade, em benefício da compreensão e do crescimento das crianças.

¹ Esta citação de Meltzer consta do parágrafo introdutório do artigo “Um bebê de um ano vai para a creche [...]” E justamente baseia-se num material de observação de um bebê dentro do seminário do primeiro ano de vida num curso em Roma organizado por Gianna Williams.



Um bebê no lactário

As professoras que apresentaram estas observações, e que chamarei de Maria e Ana, estavam muito preocupadas porque Iara, uma menina de nove meses de idade, de quem cuidavam durante parte do dia no lactário (das onze às dezoito horas), dormia muito durante a manhã. Maria, que no início se mostrava muito aborrecida e indignada, acreditava que isso era devido a que o grupo de professoras da manhã não tinha o mesmo sistema do grupo da tarde, ou seja, não havia uma encarregada de um bebê em particular, mas todas tomavam conta de todos (aproximadamente cinco bebês). Na opinião de Maria isto perturbava Iara de tal forma que ela preferia se isolar e dormir.

Ficava evidente, para mim e para o restante do grupo do seminário, que havia um grande mal-estar e cisão entre os dois turnos de professoras, o que, inclusive, se refletia numa comunicação mínima entre elas, o que, em consequência, levava a que muito dados sobre os bebês ficassem “perdidos”. Geralmente as perguntas eram sobre os aspectos concretos de cuidados: as fraldas haviam sido trocadas recentemente? O bebê dormira bem? Quanto tempo dormira?

As professoras pareciam padecer de dissociação e de projeção, mecanismos próprios do mundo mental do bebê, onde as boas professoras mães ficavam de um lado, ou seja, num turno, e as más professoras mães ficavam do outro. Logicamente, isto vinha carregado de muita idealização e onipotência: as boas eram muito boas, faziam o que devia ser feito pelos bebês; as más eram terríveis e, ainda por cima, não queriam reconhecê-lo, pois logicamente acreditavam que elas eram as que faziam a coisa certa.

Era fundamental que Maria e Ana pudessem trazer uma observação que as conectasse melhor com o que acontecia com a menina, para que tentassem compreender ou pensar sobre isso, já que o aborrecimento não permitia que elas o fizessem. Assim, de alguma maneira, perdiam Iara de vista. Essas professoras pareciam ter um comportamento de bebês competidores, mais interessadas no que acontecia entre elas e na conservação dos seus lugares, dos seus bens e de suas verdades onipotentemente, cada uma julgando que fazia o que devia melhor do que a “irmã rival”.

Cabe acrescentar que todo o grupo de professoras, ou seja, os dois turnos, concordava sobre o excesso de sono de Iara, considerando sua idade e comparando-a com os outros bebês. Outra preocupação comum era que a menina comia pouco e fazia um manejo especial da comida: retinha o alimento na boca durante bastante tempo antes de engoli-lo, ou simplesmente não abria a boca. Outra conduta de Iara que chamava a atenção era que ela praticamente não se deslocava, ficava



sozinha sentada onde a deixassem, evitava todo contato com seus pares e, com gritos ou chorando, estendia os braços para qualquer adulto que passasse perto dela, qualquer um servia. O que provocava muita discordância era a conduta que deveria ser usada com a menina. Algumas professoras a pegavam no colo, outras consideravam que era pura “birra” e a deixavam chorando. Durante alguns momentos, faziam a menina se deslocar por conta própria para que pudesse se tornar independente, com a fantasia de que em sua casa deveria passar o tempo todo no colo. Cabe comentar que a menina tinha mais três irmãos. O que era evidente é que prevalecia um sentimento de “chateação” em relação à Iara. Maria e Ana estavam tentando compreender um pouco melhor o que acontecia e resolveram recorrer à ajuda do nosso seminário (cabe esclarecer que, simultaneamente, faziam o seminário de observação). Apesar disso, em princípio, acredito que não desinteressadamente, vieram pedir-me muito aborrecidas – a palavra exata seria “reclamar” – que pudéssemos, ou que eu pudesse, com base no meu conhecimento e autoridade, dar-me conta de que as professoras do turno da manhã estavam enganadas em sua atitude e que as do turno da tarde tinham razão. Ou seja, Iara estava mal por culpa “daquelas outras”, talvez valesse acrescentar “bruxas más e desconsideradas”, e isto deveria ser conhecido e chegar aos ouvidos da direção do Jardim.

Certamente vocês reconhecem, nesta descrição que faço baseada na manifestação das próprias professoras, a semelhança com os estados mentais de um bebê. Processos de cisão, projeções, idealização, objetos muito bons por um lado e muito ruins por outro, ciúmes, rivalidade, com grande predomínio de *actings* e uma pobre tendência a pensar sobre o que acontecia com o verdadeiro bebê, Iara.

Material de observação

Iara: nove meses e cinco dias

O almoço

Tempo da observação: trinta minutos

Professora: Maria

Iara dormiu a manhã inteira (aproximadamente três horas); ao acordar, permaneceu no berço deitada em decúbito ventral, emitindo queixas. Olha para mim. Pego-a no sentido vertical, apoiando-a sobre o meu corpo e a beijo, torna a sorrir e vira a cabeça para o setor onde há mais movimentação e ruídos (outros bebês e professoras). Enquanto falo com ela, aproximo uma cadeirinha alta à



mesa e a sento ali para dar-lhe a comida. Reclama e grita, sento ao seu lado com a comida e pego sua mão enquanto digo que ela vai comer. Ela agita os braços e simultaneamente bate as mãos na mesa. Ao ver a colher, abre um pouquinho a boca e ingere parte do alimento, torna a abrir a boca e ingere o resto. Ofereço uma colherada de purê, ela tenta pegar a colher e me olha. Entrego-lhe uma colher pequena, pega-a com a mão direita e bate na mesa. A colher cai e ela a pega novamente, olha e a vira em sua mão. Continua comendo, mas não engole a comida, retém o alimento na boca. Ofereço água no seu copo, e, sem tentar pegá-lo com suas mãos, bebe o que lhe dou. Novamente, ofereço comida e ela chupa a borda da colher até ingerir todo o alimento que havia ali. Falo sobre como ela está, Iara sorri agitando os braços e batendo na mesa com a colher que estava numa de suas mãos até que esta cai no chão e ela me olha. Pergunto: “Onde está a colher?” Sorri e olha pra mim. Insisto na pergunta enquanto ela continua comendo. Pouco depois, vira o torso e olha para baixo. Apóia o corpo na lateral da cadeira, inclinando-o para baixo. Arrumo-a e dou-lhe outra colher com a qual ela começa a bater na mesa. Emite sons como se fossem gemidos e sorri. Continua comendo. Na colherada seguinte, cospe a comida e esta cai sobre a mesa, sua mão vai diretamente para o alimento que ela espalha na mesa e fica olhando. Pouco depois, limpo sua mão e a mesa e pergunto se ela quer mais, aproximando a colher de sua boca. Ela vira a cabeça (como rejeitando o alimento). Chamo-a pelo seu nome e torno a insistir com a comida. Ela fecha a boca e olha para mim. Pergunto: “Quer sobremesa?”, ofereço-lhe maçã ralada, ela abre a boca e come. Na quinta colherada noto que torna a reter tudo na boca e lhe ofereço um copo com água, convidando-a a bebê-la. Ela aproxima sua mão, empurra o copo e o vira na mesa; eu pego o copo e o aproximo, pego suas mãos e as coloco em volta do copo para que ela o pegue, ajudando-a a levá-lo à boca; bebe, mas quando eu solto o copo, ela o deixa cair. Fica sobressaltada e abre seus olhos mostrando-se surpresa.

A professora esclarece que naquele momento resolveu encerrar o almoço. Reconhece que ela mesma ficou muito impactada com o sobressalto de Iara. Também havia algo que tinha a ver com o olhar de Iara e que Maria havia tentado destacar e mencionava o tempo todo: a intensidade, o olhar fixo com que a menina a olhava, ela sentia tanto o peso do olhar da Iara, que, em certos momentos, percebia-se desconfortável. Descreve-o verbalmente como bem perturbador. Maria a sentia mais interessada nela própria, Maria, do que na comida e se incomodava com o fato de Iara não engolir rapidamente e ficar “ruminando” sem tirar os olhos de cima dela.



De início, eu quis saber quanto tempo a menina permanecia no jardim e quando dormia. Iara chegava por volta das sete horas e meia e saía às dezoito horas. Na verdade, muitas vezes chegava dormindo no colo de sua mãe e, “surpreendentemente”, não acordava quando esta a deixava no berço, permanecendo assim até a hora do almoço. Outras vezes chegava acordada e dormia tão logo a mãe a colocava no berço e partia.

Conseguimos compreender que, para a menina, poderia ser muito doloroso separar-se de sua mãe e que, possivelmente, estava evitando o contato com isso ao pegar no sono. Talvez, ao permanecer dormindo, conseguisse permanecer também na ilusão de continuar no colo de sua mãe, dessa maneira, na sua mente e no seu “sono”, elas permaneciam unidas. Ali parecia haver pouca relação com a experiência direta que Iara pudesse ter com as professoras do turno da manhã; no fático, a menina não estava em relação com elas, no máximo na sua mente ela aceitava que a cuidassem durante seu “sono”. O que sentiria Iara ao acordar e não ver sua mamãe e ter que (devido à rotina do horário institucional) receber o alimento, o mundo externo repentinamente, quando ela nem havia manifestado seu desejo de comer? Felizmente contávamos com a valiosa ajuda da observação e com o que Maria havia transmitido de suas próprias emoções em relação à menina para nos aproximarmos da compreensão deste e de outros questionamentos sobre o estado emocional de Iara.

A menina mostrava-se muito desconfiada do mundo externo. Talvez o alimento que recebe a lembre, não apenas da ausência da mamãe, mas também da presença de um objeto que pode atacar. Para Iara, a comida não parecia algo fácil de digerir, ela precisava controlá-la, mastigá-la demais, sentir que a transformava em algo mais próprio dela, do seu interior (enrolada e amolecida por sua própria saliva) e não de fora, para então poder engoli-la (a comida, nesta ocasião, eram pedacinhos de frango e purê). O controle fica evidente também no intenso olhar colocado permanentemente na professora. Precisava estar alerta, como se esperasse algum ataque do outro, certamente pela própria irritação que ela sentia, na verdade não levantara contente, talvez esperasse abrir os olhos e encontrar sua mãe. Isso não havia acontecido.

No colo de sua professora parecia sentir-se confortada. Quando Maria faz a tentativa, talvez rápida demais para a menina, de sentá-la, ela mostra hostilidade, resiste. Ao sentar, bate na mesa com as mãos e a colher, rejeita as colheradas de alimento, continua batendo, não responde à professora e, além disso, brinca de jogar a colher para que lhe seja devolvida. Inclusive mostra que esta brincadeira de fazer aparecer e desaparecer o objeto é tão importante para ela, que não deixa de olhar para baixo de sua cadeira. Sua professora sente que a menina está



aborrecida com ela sem ter motivos. Aos poucos, ela mesma vai ficando aborrecida e se transforma numa mãe rígida e exigente que não tolera a agressão, não consegue receber e conter as projeções da menina. Finalmente, a experiência da comida não teve uma boa resolução, Iara parece não ter conseguido incorporar nada de bom, não houve processo introjetivo, somente expulsão: ela cospe a comida, lambuza a mesa (uma superfície plana) com seus conteúdos e evita abrir a boca numa clara rejeição: já não esperava nada de bom vindo de fora. Ao mesmo tempo, a menina parecia não contar em sua mente com um objeto continente internalizado que lhe permitisse fazer boas “digestões”. A cena final, quando Iara primeiro vira o copo d’água, deixa evidente que ela não apenas não quer pegá-lo, mas está também hostil e atacante, sua ação é como cuspir ou fazer xixi sujando novamente, entendendo que acaba mais assustada do que surpresa. Ela chega a comunicar para a professora que aceita beber água, mas que, para isso, Maria precisa segurar o copo, sustentar as suas emoções. Entretanto Maria torna a exigir-lhe que se vire sozinha, já que ela também está muito aborrecida. E o copo cai novamente, mas de uma maneira ainda mais violenta, sem nenhum apoio. A relação entre ambas é quebrada, restando um bebê assustado por sentir que talvez, finalmente, conseguiu danificar e afastar o objeto. É possível que, na mente de Iara, havia a ideia de que sua mãe a deixava e dela se afastava devido a sua própria hostilidade. Uma professora que se sente atacada e impossibilitada de alimentar e nutrir a relação, também assustada, é culpada disso.

Iara: nove meses e vinte dias

O lanche

Tempo da observação: vinte minutos

Professora: Ana

Iara estava sentada no piso com as pernas abertas, os braços semiflexionados e os dedos das mãos entreabertos. Perto dela havia alguns brinquedos espalhados pelo chão. Alguns bebês engatinhavam a sua volta, outros brincavam no colchonete e outros dormiam nos berços ou no carrinho. Eu pergunto a uma das professoras da tarde se ela poderia dar o lanche para Iara, já que, segundo os dados registrados no diário, cabia a ela fazê-lo. Aproximei-me da menina e perguntei-lhe: “Vamos comer, Iara?” Olhou para mim e estendeu os braços; segurando-a fortemente com ambas as mãos na altura de sua cintura, ergui-a na minha frente para sentá-la na cadeirinha alta junto à mesa que estava nesse mesmo lugar. Expliquei-lhe que, enquanto preparava o iogurte, lhe daria um pedacinho de bolacha (baunilha). Ofereci-lhe a bolachinha e ela pegou-a logo, segurando-a com força com a mão esquerda, levou-a à boca rapidamente e



começou um pouco a mastigá-la, um pouco a chupá-la. A sua outra mão permanecia aberta sobre a mesa. Sentei-me junto dela, procurei uma colher e transferei metade do iogurte do recipiente para a cremeira. Iara continuava levando a bolachinha de baunilha à boca. Mostrei-lhe a colher com iogurte e perguntei se ela queria comer. Aproximei a colher; ela a olhou e abriu a boca; logo a fechou, permaneci um tempo segurando a colher diante de sua boca, já que ela a abria e a fechava alternadamente, em um ritmo muito curto. Logo voltei a oferecê-la e ela comeu a colherada de iogurte de uma só vez. Enquanto eu servia um pouco mais, ela colocou um pouco mais de bolachinha na boca, bolachinha que continuava segurando com o punho fortemente fechado. Com a outra mão batia na mesa, ou agitava o braço no ar, ou batia no meu braço. Eu disse: “Iara, vamos comer?” Olhou-me com expressão vivaz no olhar e um leve sorriso e comeu outra colherada. Quando acabou o pedaço de bolacha, o ritmo de comer fez-se mais regular. Em certo momento ficou olhando para a janela diante dela. Quando a chamei, olhou-me, depois a colher e continuou comendo. Olhou para a esquerda e para baixo, por onde passava um bebê. Inclinou a cabeça e parte do torso, estendendo o braço como se quisesse tocá-lo com os dedos de sua mão esquerda. Seu olhar estava atento ao que acontecia embaixo, no piso. Ao chamá-la várias vezes, elevou a cabeça e continuou comendo e mantendo o olhar na parede. Depois girou sua cabeça para a direita e olhou para outro bebê que, assim como ela, comia o lanche. Quando a chamei pelo nome Iara, olhou-me com expressão alegre e sorriu. Olhava com atenção para meu rosto e para meus olhos, depois começou a agitar e a bater seu braço no meu. Meu relógio chamou sua atenção, tocava nele, batia nele. Com os dedos pegou o punho do meu guarda-pó, depois tocou o vidro do relógio diversas vezes, continuou tocando a pulseira do mesmo. Olhou-me com atenção e continuou tocando o relógio enquanto eu a chamava pelo nome para que ela continuasse comendo. Em certo momento, quando eu lhe oferecia outra colherada de iogurte, virou a cabeça para a direita (o lado contrário ao que eu estava), inclinou-a, fechando levemente os olhos e a boca, chamei-a de novo pelo nome e permaneceu assim, esperei um pouco, tornei a oferecer o iogurte, ela repetiu a mesma atitude. Logo virou a cabeça para a frente e, com ambas as mãos na borda da mesa, fez força empurrando para trás, o que provocou uma inclinação da cadeira, que poderia ter provocado sua queda. Disse-lhe que não fizesse isso. Pouco depois, repetiu a mesma ação, repreendi-a com firmeza e seu rosto mudou de expressão: franziu a testa e a boca como se fosse chorar. Peguei-a no colo para logo lavar suas mãos. Depois disto, sentei-a no colchonete junto com os outros bebês.



No início encontramos apenas um bebê, uma menina cercada de brinquedos, no chão, talvez com uma postura excessivamente “aberta” para ter mais superfície de apoio, e quieta. Aceita rapidamente o oferecimento de sua professora de pegá-la no colo. Nesta sequência de observação, a menina mostra que come com mais facilidade o que ela resolve por vontade própria, por exemplo, o pedaço de bolachinha, do que aquilo que o adulto lhe oferece. Surgiu o questionamento de por que a professora lhe dá uma bolachinha quando ia imediatamente oferecer o lanche e se isso poderia, de alguma maneira, atrapalhar a alimentação. A professora respondeu que era uma rotina habitual com todas as crianças, já que assim se mantinham calmas até que o lanche estivesse preparado e que o momento da alimentação era um dos momentos mais difíceis com os bebês, todos ficavam “desesperados”. Durante o relato, a professora insistiu que sentia a menina desinteressada pela comida, até desligada e que precisou chamá-la diversas vezes para que aceitasse alguma colherada. Iara, num primeiro momento, parece fazer algo como uma brincadeira, abrindo e fechando rapidamente a boca, algo do “interior” estava aqui expresso, e esperando a resposta da sua professora a quem acompanhava com muita atenção, não tanto com a intenção de controlá-la, mas como se estivesse interessada nas suas coisas e no contato corporal com ela: toca seu braço, dando pequenas batidinhas, sorri e come com maior regularidade. A professora acrescenta que o olhar era vivaz, estava ativa, batia na mesa.

Talvez quando Iara olha para a janela, apoiada numa relação boa e de confiança com a sua professora, lembre de uma mãe interna boa e cuidadosa: já falta menos tempo para ela vir buscá-la, é de tarde. Pode ser que isto a levasse a se interessar e querer tocar o outro bebê, um bebê como ela, com uma boa mamãe quase chegando. Cabe esclarecer que a menina geralmente não mantinha contato físico com nenhum bebê. O interesse e o toque nas coisas da professora foram num crescendo: o relógio, a pulseira, o avental, olhava para ela e sorria, movimentava-se com excitação. No entanto, quando a professora tenta (ela acrescenta isto depois) impedir que ela toque no seu relógio e continue comendo, Iara parece claramente “não querer disso”, ou seja, que sua professora diga não ao seu “querer se meter” nos seus pertences, então fecha os olhos, não fala, evita a professora virando a cabeça para o outro lado, isto é, não responde por um tempo que a professora sentiu como importante, quase como se houvesse um “desligamento”². Até chegar, finalmente, a empurrar a cadeira para se afastar,

² O afastamento das relações com o objeto externo pode ser a consequência de uma identificação projetiva intensa; o *Self* sente-se esvaziado de seus bons conteúdos, aqueles que depositou no objeto e então teme sentir-se escravizado por ele (Segal, 1979).



com o risco de cair e se machucar. Depois vem o choro e a professora que encerra a relação e a coloca com os demais bebês.

O final tem nuances parecidos com a outra cena de alimentação. Talvez uma mãe tivesse tolerado e entendido o interesse do bebê por suas coisas e não o tivesse rejeitado, tampouco podemos garantir isto. Mas uma professora sente que é sua obrigação cumprir a tarefa de fazer o bebê comer e também não se sente muito confortável com a criança sujando suas coisas. Ambas estão aborrecidas, só que o bebê conta com menos recursos para superar a situação, o aborrecimento pode virar-se contra ela: pode cair e se machucar; quando quase se põe a chorar declarando-se necessitada e dolorida diante do acontecido e sua professora lava-lhe as mãos, insistindo (sem dizê-lo com palavras) no aspecto “sujo” e talvez “intrusivo”, deixando-a com os outros bebês.

Iara: dez meses

Observação do bebê durante um momento de jogo durante a manhã

Tempo aproximado: vinte e cinco minutos

Professora: Maria

Iara está sentada no piso com o dedo indicador direito dentro da boca, observando tudo ao seu redor, gira seu torso para um lado levantando a cabeça em direção à professora que estava mais perto. Apoiando ambas as mãos no piso e na posição sentada, arrasta seu corpo com uma das pernas flexionadas, deslocando-se (desloca-se sentada) para um colchonete onde há outros bebês brincando; continua com o dedo na boca e baba permanentemente. Torna a se deslocar da mesma maneira até se aproximar de uma parede e começar a mexer, com o dedo que estava mordendo, num pequeno buraco da parede, olhando ao seu redor. Pouco depois, uma professora aproxima um brinquedo, ela o pega nas mãos e o vira para um lado e para o outro até deixá-lo no piso; novamente põe o dedo indicador direito na boca, mordendo-o. Continua observando o movimento da sala, principalmente o das professoras que passam ao seu lado, e torna a se deslocar arrastando-se sentada até um ginásio que segura com as mãos tentando ficar de pé, mas o ginásio desliza e ela volta a sua posição inicial.

Uma professora que passa ao seu lado liga uma caixinha de música que pendura no ginásio, ela a olha e sorri, balançando o tronco para frente e para trás, colocando o indicador na boca; tenta pegar uns bonecos pendurados no ginásio, mas só consegue movimentá-los e que se batam uns nos outros. Pegas as pontas do ginásio e as aproxima e as afasta dela, repete esta ação duas ou três vezes; enquanto o faz, sorri e emite sons esporadicamente. Nesse momento, aproxima-se outro bebê e se segura no ginásio para poder ficar de pé, Iara começa



a gritar, o bebê olha-a e gira seu corpo para engatinhar para outro lado. Ela começa a brincar com um coelhinho que gira sobre um eixo, o faz girar diversas vezes, pouco depois começa a gritar para a professora que estava mais perto, levantando seus braços e pedindo colo.

A forma de deslocamento da menina chamava particularmente a atenção: por que não engatinhava? Iara parece estar controlando tudo, inclusive com essa modalidade de deslocamento. Estando sentada, sua visão do entorno é muito mais “frontal”, aproxima-se dos outros bebês também, talvez para controlar o que eles fazem, já que não fica brincando e se afasta. Poderíamos dizer que há certa ansiedade agregada produzida pela dentição, pois mantém o dedo indicador na boca, morde o dedo e baba. Essa ansiedade poderia estar vinculada com a destrutividade, ou seja, seria do tipo paranóide. Certamente, os mecanismos de controle que exerce e o fato de não se relacionar com os pares parecem ser produto de estar à espera de encontrar predadores igualmente vorazes ou piores do que ela. Significativamente, depois de observar e ter localizado os outros bebês (Maria, inclusive, descreve desta maneira a atitude da menina), Iara vai até uma parede e começa a enfiar o dedo num pequeno buraco, o mesmo dedo que estava na boca. Enfia o dedo no buraco, “penetrando-o” (analmente) com tanta hostilidade que vai quebrando o reboco da parede³ (ela já vinha repetindo isto há algum tempo).

Esta conduta chamava muito a atenção de sua professora: “Por que um bebê precisa fazer isso em vez de brincar? Que prazer encontra ali?” Fomos entendendo um pouco mais a desconfiança, a passividade e o controle de Iara em relação ao seu entorno: ela parecia estar se enfiando sadicamente dentro do corpo da mãe, querendo penetrá-lo à força, à maneira da identificação projetiva no objeto interno. Certamente sentia muito a ausência materna, mas evitava conectar-se com a dor, não procurava consolo no adulto e, pelo contrário, parecia manter a fantasia onipotente de que, somente se entrasse à força na mãe, não a perderia e poderia controlá-la. Mas era um estar dentro da mãe carregado de hostilidade e controle, por isso esperava a mesma coisa dos outros, fossem eles bebês – que imaginava tão necessitados quanto ela – ou a comida que suas professoras lhe davam, até mesmo os braços de suas professoras que solicitava de forma indiferenciada tentando segurar-se como “um carrapato”, dizia Maria, não para ser sustentada e aninhada. O outro era tomado como objeto *utilitário* (Meltzer, 1992) não *pensante*, com o que provocava a rejeição das professoras a pegá-la, já que

³ Os analistas que trabalham com crianças com graves perturbações, especialmente autistas, certamente viram essa atividade mais de uma vez.



não sentiam uma relação íntima com ela. Possivelmente era isto também o que Iara vivenciava na relação com sua mãe.

Quanto ao uso que faz dos brinquedos nesta observação, é muito pobre, parece estar mais preocupada em controlar o entorno do que brincar, afastando com gritos fortes os outros bebês. Isto também era frequente: Iara gritava muito e verbalizava e sorria pouco. Suas brincadeiras eram mais de ação e solitárias. O exemplo é o *ginásio*: não conseguiu usá-lo para se apoiar e ficar em pé, embora tenha tentado. Diante do primeiro fracasso, retornou a sua posição sentada. A professora notava uma conduta particularmente passiva em Iara, acho que esta era uma boa apreciação, iluminada agora pelas observações detalhadas. O uso da identificação projetiva, quando adquire predomínio como modo de se relacionar com os objetos internos, modo que fica definido pela intrusão hostil e o controle, implica num aumento da ansiedade persecutória e tinge de desconfiança, necessariamente, o mundo das relações externas. O *ginásio* transformou-se para Iara num objeto de descarga para aproximar e afastar, com brinquedos para girá-los sobre si mesmos e baterem-se, enquanto ela própria se transformava, por momentos, numa mãe gritona, egoísta e tirânica que onipotentemente assustava e espantava outros bebês e reclamava da mesma maneira ser atendida com exclusividade.

Algumas considerações finais

Soubemos, depois de um bom tempo, que a mãe da menina estudava à noite, cursava uma Universidade e, devido ao seu trabalho, não dispunha de outro horário para estudar. Sentia-se mal por não estar junto a sua filha durante o dia (foi esse seu comentário numa entrevista com as professoras) e, ao mesmo tempo, Iara insistia em se manter acordada junto a sua mãe. Quanto esforço fazia a menina para se acomodar às necessidades da mãe! E, ao mesmo tempo, que intrusiva ela se tornava com o casal de pais, ficando, todas as noites, exclusivamente com a mãe, embora isso não significasse ter a mente da mãe à sua disposição. É claro que, ao chegar ao jardim, sentia sono, mas isso não apagava a significação do fato de não acordar para se despedir de sua mãe.

Em algum ponto, Iara parecia querer prescindir de uma boa dependência com os objetos, na sua fantasia onipotente ela conseguia virar-se sozinha. O processo de identificação projetiva no objeto interno dava-lhe essa alternativa: ela parecia controlar o objeto, não precisar dele para crescer e pensar na sua ausência. Logicamente, isto acarretava um empobrecimento para seu *self*, que



parecia ficar paralisado, certamente com um medo intenso de receber o mesmo tratamento da parte do objeto. Mas, é claro, os bebês não falam. Logicamente, estas são apenas algumas considerações sobre o que Iara poderia estar sofrendo.

O método de Mrs. Bick oferece-nos a valiosa alternativa de podermos nos aproximar dos complexos e dolorosos processos sofridos pela mente do bebê, proporcionando-nos, então, a incomparável oportunidade de ajudá-los. É este o objetivo central de uma narrativa como a que estou apresentando: ser capaz de transmitir uma experiência de trabalho com aquelas pessoas que se ocupam e se dedicam ao cuidado de bebês e de crianças pequenas. Através de uma dedicação profunda à observação de Iara, estas professoras tiveram acesso a um tipo de compreensão diferente que, sem dúvida, causou e causará efeito, não apenas em Iara, mas em todos os futuros bebês cuidados por elas. Algo mudou na atitude, poderíamos dizer, até na capacidade de pensar e na receptividade das professoras. Iara continuou crescendo, atualmente fica menos tempo no jardim, passou para a sala dos andadores e sai do jardim às 14 horas. Já não dorme de manhã, brinca e briga abertamente com seus colegas, sem evitá-los ou afastá-los, embora continue sendo uma menina muito “controladora”. O manejo que costumava fazer com a comida desapareceu. As professoras que participavam do seminário, uma das quais está fazendo seu segundo ano de observação, escreveram um trabalho que foi levado à direção do Jardim: para minha tranquilidade, sem críticas às bruxas do turno da manhã, mas falando sobre a importância de compreender o que acontece emocionalmente com um bebê, conhecer suas necessidades, mais relevante do que saber “de cor e salteado” as pautas do desenvolvimento maturativo. □

Abstract

Bick's nursling observation method: a path towards the psychoanalytical thought and its closeness to the community. Experience in the Work Discussion Seminar with teachers from Kindergarden

The expertise I intend to pass on, it's one I acquired along these years as coordinator of the Work Discussion Seminar in two hospitals in the city of Buenos Aires. We organized the complete course on nursling observation, Tavistock's model, through the Kamala Di Tella Foundation, an experience which placed me in front of the richness of a varied wide range of emotions through the generously contributed material from different professionals which, in their majority, work in different areas of these hospitals. The objective of a seminar like the Work Discussion,



created by Martha Harris (Klauber 1999), Mrs. Bick's disciple and successor, is to take the psychoanalytic thought to the unfolded interpersonal relations in different assistance scenarios (schools, pediatric services, neonatology, children's homeless institutions...). In other words, provides opportunities so that the professional can detect the emotional climate that exists, and tries to discover the unconscious factors involved in his or her own task, as well as to know the implications in the work they are performing. Mrs. Bick's method facilitates the psychoanalysis path for society, helping children's understanding and growth.

Keywords: Psychoanalysis; Nursling observation; Educators; Early childhood prevention.

Resumen

El método de observación de lactantes de Bick: un camino hacia el pensar psicanalítico y su acercamiento a la comunidad. Experiencia de Seminario de Discusión de Trabajo (Work Discussion) con maestras de un jardín maternal

La experiencia que pretendo comunicar es la que he recogido a través de éstos años coordinando el seminario de discusión de trabajo (Work discussion), dentro de dos hospitales de la ciudad de Buenos Aires, donde hemos organizado, a través de la Fundación Kamala, creada en homenaje a nuestra maestra Kamala Di Tella, el curso completo de observación de lactantes, modelo Tavistock, experiencia que me ha enfrentado a la riqueza de una variada gama de emociones a través del material aportado generosamente por diferentes profesionales, que, en su mayoría, trabajan en distintas áreas de dichos hospitales. El objetivo de un seminario como el de discusión de trabajo, creado por Martha Harris (Klauber 1999), discípula y sucesora de Mrs. Bick, es llevar el pensamiento psicanalítico a las relaciones interpersonales desplegadas en diferentes settings asistenciales (escuelas, servicios de pediatría, de neonatología, instituciones para niños de la calle. etc.) Es decir, que el profesional pueda detectar el clima emocional allí suscitado e intentar descubrir los factores inconscientes involucrados en su propia tarea y saber de las implicancias que estos tienen sobre el trabajo que está realizando. El método de Mrs. Bick facilita ese camino del psicoanálisis hacia la sociedad en beneficio de la comprensión y el crecimiento de los niños.



Mónica Cardenal

Palabras llave: Psicoanálisis. Observación de lactantes. Educadores. Prevención en primera infancia.

Referências

- KLAUBER, T. (1999). Observation at work. The application of infants observation and its teaching to seminar work discussion. *Int. J. of Infant Observation*, v. 2, n. 3, 1999.
- KLEIN, M. (1946). Notas sobre algunos mecanismos esquizóides. In: *Obras Completas*. v. 3, Buenos Aires: Paidós, 1980.
- MELTZER, D.; HARRIS, M. (1990). *Familia y comunidad*. Buenos Aires: Spatia.
- _____. (1992). *Clastrum*. Buenos Aires: Spatia, 1994.
- SEGAL, H. (1979). *Melanie Klein*. New York: The Viking Press.

Recebido em 14/06/2011

Aceito em 20/07/2011

Tradução de **Beatriz Affonso Neves**
Revisão técnica de **Eneida Iankilevich**

Mónica Cardenal

Andrés Ferreyra 3455 / 1637

La Lucila, Pcia. de Buenos Aires – Argentina

e-mail: cardenalmonica@gmail.com

© *Tavistock Clinic Foundation*

Versão em Português Revista de Psicanálise – SPPA